

# REUTILIZAÇÕES E REAPROVEITAMENTOS DE MATERIAIS EM SÉPULTURAS MEGALÍTICAS DO NORDESTE ALENTEJANO

por

Jorge Oliveira \*

**Resumo:** Neste breve artigo problematiza-se a identificação de materiais arqueológicos com vestígios de reutilização e/ou reaproveitamento em sepulturas megalíticas do Nordeste Alentejano. Os moinhos (dormentes e moventes) e placas de xisto são os materiais onde essas constatações são mais evidentes.

**Palavras-chave:** Reutilização. Moinhos/placas. Sepulturas megalíticas

1. A investigação que temos vindo a desenvolver no Nordeste Alentejano procura compreender, num espaço bem definido (bacia hidrográfica do rio Sever e festos delimitadores), o fenómeno megalítico nas suas mais diversas vertentes. Numa primeira fase da investigação, a que poderemos apelidar de embrionária e que decorreu na segunda metade da década de setenta, procurámos relocalizar os monumentos já registados e alargar a prospecção a novas áreas. Na década de oitenta, paralelamente à prospecção sistemática da área de estudo (margem portuguesa) iniciámos trabalhos de sondagem e escavação em diversos monumentos, depois de criteriosamente avaliados por forma a que pudessem fornecer novos dados.

Vários factores pesaram na selecção dos monumentos a escavar. Em primeiro lugar procuraram-se monumentos que não apresentassem indícios de violação. Por outro lado, face à diversidade de tipos de monumentos nesta região, procurou-se intervir numa amostragem significativa, que pelos elementos estruturais visíveis (forma e materiais de construção) possibilitassem um conhecimento alargado da variabilidade de formas e materiais existentes. Pesou, e de forma

---

\* Universidade de Évora.

significativa, na selecção dos monumentos a escavar a anuência dos proprietários, a disponibilidade de meios financeiros, as, por vezes problemáticas, autorizações do ex-IPPC bem como a maior ou menor dificuldade de acesso aos monumentos.

Neste momento existem informações sobre cento e dez sepulturas megalíticas no interior da bacia hidrográfica do rio Sever.

O Sever, primeiro afluente da margem esquerda do Tejo, em território português, apresenta uma bacia hidrográfica com uma área de 450 km<sup>2</sup>. Nesta bacia inclui-se, todo concelho de Marvão, parte dos de Castelo de Vide e Nisa e na margem espanhola a quase totalidade do *termino municipal* de Valência de Alcântara, e parte dos *terminos* de Herrera de Alcântara e Cedillo.

Em ambas as margens conhecem-se materiais recolhidos em vinte e nove monumentos, na sua grande maioria provenientes de escavações realizadas nas duas últimas décadas.

Para além destes monumentos com materiais conhecidos, mas já fora da bacia do Sever, conhecem-se mais doze antas, incluídas na região cartografada (mapa 1) que foram também alvo de escavações ou violações e que forneceram materiais por nós estudados.

Na área cartografada (mapa 1) identificaram-se, até ao momento, 176 monumentos megalíticos de características funerárias e sete menires.

2. Neste breve artigo isolamos algumas observações extraídas do estudo global dos materiais conhecidos provenientes de sepulturas megalíticas da área cartografada, façam, ou não parte da bacia hidrográfica do Sever.

As observações e comentários que aqui apresentamos reflectem a constatação de sinais nítidos de reutilização de materiais arqueológicos, votivos e/ou funcionais recolhidos no interior ou na estrutura tumular de alguns monumentos.

É de há muito conhecido e estudado que grande número de objectos de pedra lascada (*lato senso*), sobretudo pontas de seta, buris, lamelas e geométricos são obtidos a partir de lâminas. Naturalmente, e sobretudo os materiais em sílex, são trabalhados a partir da extracção de lascas laminares sem que estas tenham sido previamente funcionais. Contudo, também é observável que outros tantos ou talvez a maioria dos artefactos líticos de menores dimensões (pontas de seta e geométricos), sobretudo os de sílex, foram talhados sobre lâminas fragmentadas. Variadíssimos são os exemplos que poderíamos assinalar, quer na região em estudo, quer de qualquer outra parte. Mas, não é sobre a reutilização destes artefactos que aqui nos queremos debruçar. Os materiais que agora nos importam são os que parece que têm vindo a escapar à observação e por vezes ao registo da maior parte dos investigadores - os elementos de mó. Para além destes, queremos também aqui registar os nítidos indícios de

reutilização existentes nalgumas placas de xisto da área em estudo.

3. No já largo número de sepulturas megalíticas por nós estudadas no Nordeste Alentejano temos vindo a identificar, registar e recolher mais de uma centena de elementos de mó, na sua maioria em granito, que ora se encontram por entre os elementos líticos das mamoaas, ora utilizados como calços de esteios ou, as de menores dimensões, junto aos depósitos funerários.

A presença destes inconfundíveis instrumentos de transformação não seria estranha no interior das multifuncionais antas, se aparecessem, normalmente, associados aos depósitos funerários tal como outros objectos votivos. Registam-se, contudo, e aparentemente, como objectos já não funcionais, mas reutilizados como simples e informes blocos de pedra, necessários à consolidação das estruturas tumulares.

Foi essa, de início, a nossa leitura para a presença destes elementos de mó.

Na verdade, ao longo do desenvolvimento do nosso projecto de investigação fomos observando que praticamente todos os elementos de mó, fossem eles a parte movente ou a parte dormente se apresentavam, na sua quase totalidade, fracturados.

Não seria de admirar a presença de moinhos fracturados reutilizados como material de construção se não registassem sinais de fracturas intencionais. Esta constatação assume-se ainda mais evidente quando se trata das partes moventes, de menores dimensões e, portanto, mais compactas e resistentes, tornando-se assim praticamente inexplicável que acidentalmente se partissem tão grande número destes elementos junto a uma sepultura megalítica. Por outro lado, interessa assinalar o caso da Anta da Figueira Branca no concelho de Marvão, onde se recolheu parte de um dormente fragmentado no interior de um alvéolo de esteio do corredor e um outro fragmento do mesmo dormente por entre os blocos de granito na sondagem que se efectuou na mamoa, no lado oposto ao corredor.

Se atendermos que 93,4% dos elementos de mó recolhidos na Anta da Cabeçada — concelho de Marvão — se apresentam fracturados e que dos restantes 6,6% apenas um é dormente, verificamos que parece ter existido uma nítida preocupação, por parte dos construtores / utilizadores destes monumentos, de inutilizarem estes fundamentais elementos de transformação.

Raros são os dormentes que se apresentam intactos e quando isso se verifica geralmente ocorre nos de maior espessura, portanto, muito mais resistentes e de difícil fractura.

Parece, assim, que estamos em presença de um acto intencional, generalizado, e provavelmente simbólico de fractura de elementos de mó para posterior deposição no espaço funerário. Importa ainda salientar que a maior parte destes

fragmentos de mós se encontram na base dos monumentos, no interior dos alvéolos ou na base das coberturas líticas das mamoaas, sendo, portanto, contemporâneos da construção das antas.

Sem possuímos qualquer explicação para o facto, não deixa de ser estranho, também, o grande número de fragmentos de mós que num pequeno monumento se podem recolher. Na Anta da Figueira Branca, no concelho de Marvão, identificaram-se 45 fragmentos, a sua maioria incluídos na couraça lítica da mamoa. Certamente, muitos mais existirão neste interessante mas não totalmente escavado monumento. Por imposição dos técnicos do ex-IPPC fomos impedidos de escavar, normalmente, este monumento, ficando, assim, por compreender na sua totalidade esta rara e interessante anta.

Em qualquer tipo-base de monumentos da área do nosso estudo são sempre registáveis moinhos manuais intencionalmente fracturados. Tanto nas antas de corredor longo ou curto de granito, como nas sepulturas de corredor indiferenciado da zona dos xistos, os moinhos manuais (dormentes e moventes) de granito ou xisto estão sempre presentes, em maior ou menor número, mas maioritariamente fracturados.

Sendo hoje comumente aceite que as comunidades de construtores / utilizadores das sepulturas megalíticas não eram totalmente sedentárias, poderemos ser levados a pensar que, pelo seu peso, os moinhos manuais são, naturalmente, mais um testemunho desse nomadismo sazonal, abandonados quando as comunidades se deslocavam. Seriam, portanto, deixados junto à "memória colectiva", e objecto, possivelmente, de uma fragmentação ritual, cujo significado desconhecemos.

Abandonados, ou não, estes fragmentados moinhos incorporam-se, maioritariamente nas fundações destas multifuncionais construções, encontrando-se, como já referimos, frequentemente, no interior dos alvéolos dos esteios. Também esta situação ocorre demasiadas vezes e em diferentes monumentos para a aceitarmos como accidental. Parece-nos que estamos em presença de algo que ultrapassa o simples acto de consolidar um esteio com um fragmento de mó e entra numa outra dimensão que de momento nos escapa, mas que, certamente, poderá estar impregnada de simbolismo.

4. Quando em 1985 e por sugestão do saudoso Doutor Caetano Beirão, na altura Director do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Sul, iniciámos o inventário dos materiais megalíticos depositados no Hospital Distrital de Évora, reparámos que algumas das várias dezenas de placas de xisto que aí se guardavam apresentavam sinais de desgaste, reavivamento das gravações ou, nalguns casos (raros e mesmo duvidosos), possíveis sobreposições de gravações. O desconhecimento preciso das condições de recolha, transporte e conservação daquela colecção levou-nos, na altura, a que não avançássemos no estudo des-

ses sinais de reutilização das referidas placas.

Com o desenvolvimento do nosso projecto de investigação no Nordeste Alentejano, sobretudo quando tivemos acesso à grande colecção de materiais megalíticos recolhidos nos princípios dos anos oitenta em escavações clandestinas efectuadas pelos membros do extinto Grupo de Arqueologia de Castelo de Vide, verificámos que também neste conjunto de materiais se encontravam algumas placas de xisto, grés e arenito com sinais de reutilização, semelhantes aos já detectados na colecção do Hospital de Évora. Também, em escavações por nós dirigidas, viemos a deparar com placas reutilizadas ou reaproveitadas. Da colecção de materiais do Grupo de Castelo de Vide destacam-se as placas recolhidas na Anta do Tapadão da Relva no concelho de Castelo de Vide. Nesta anta recolheram os seus escavadores seis placas de xisto e uma de arenito, para além de outros materiais cerâmicos e líticos. Pelas informações orais que nos chegaram, estas peças são provenientes da câmara do monumento. Esta anta é formada por uma câmara muito regular composta por sete esteios com nítida diferenciação do de cabeceira, em frente do qual se desenvolve um corredor longo bem destacado da câmara, tanto em largura como em altura. Todos os seus elementos são de granito, repousando ainda sobre quatro esteios da câmara parte da cobertura. No corredor ainda são visíveis duas tampas estando uma delas deposta sobre os esteios, possivelmente na sua posição original.

Das sete placas conhecidas deste monumento duas são dignas de especial atenção pelos vestígios de reutilização que apresentam. A TR24 é um interessante exemplo do reaproveitamento de uma placa de maiores dimensões em que, certamente por fractura, parte foi recuperada por forma a obter-se uma nova placa. Da original restam-nos algumas bandas em zig-zag, algo apagadas, que na nova placa não se enquadram no equilíbrio geral do conjunto. No topo, os reutilizadores abriram um único orifício, com brocagem bifacial e limitaram-se a regularizar os contornos, tarefa que também contribuiu para o desaparecimento de parte das gravações.

A TR 52 será o melhor exemplo do reaproveitamento de uma placa, "acidentalmente" fracturada. Desta placa ficou-nos a sua maior parte. Na zona inferior, junto à linha de fractura, nas proximidades dos contornos laterais, abrem-se dois pequenos furos bifaciais, destinados, estamos certos, à tentativa de união das duas partes em que se fracturou a peça. Infelizmente, apenas chegou até nós só um dos fragmentos. Trata-se de um interessante exemplo de recuperação / reutilização de uma placa.

O processo utilizado para a união das duas metades desconhecemo-lo por completo, sendo provável que a utilização de qualquer fibra vegetal ou animal fizesse o papel dos "gatos" de arame que ainda não há muitos anos se utilizavam na união de recipientes de cerâmica fracturados.

Noutro monumento, Anta I dos Coureleiros, também do concelho de Castelo de Vide, por nós escavado em 1991 recolheu-se uma placa, que pelo denteado ainda existente em parte do seu contorno parece ter sido talhada sobre um fragmento de báculo provavelmente semelhante ao recolhido na Anta Grande da Herdade das Antas no concelho de Montemor-o-Novo.

Na Anta I dos Coureleiros recolheu-se, para além da referida placa (CI 4) mais três inteiras e um fragmento de outra. De entre estas placas, duas (CI 1 e CI 3) apresentam num dos bordos uma curvatura algo exagerada, comparativamente com o outro bordo, fazendo adivinhar que também estas foram obtidas do mesmo ou de outro báculo, como o foi, certamente, a CI 4.

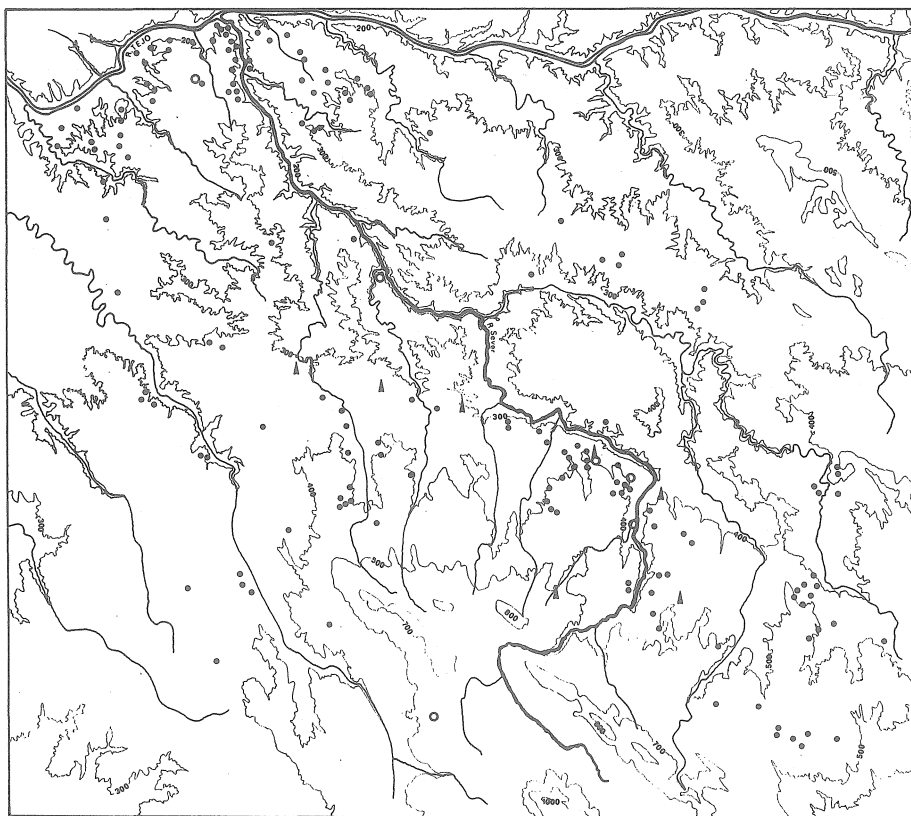
5. Pelos exemplos por agora apontados podemos já verificar e uma vez mais provar que os depósitos funerários em monumentos megalíticos não eram, de forma alguma, a "última morada e descanso eterno" dos defuntos do Neolítico e do Calcolítico. Os remeximentos, indubitavelmente antigos, verificados nos depósitos funerários, a "colagem" de placas, o seu reaproveitamento / reutilização, a ausência de fragmentos de materiais em contextos ditos selados, as bolsas de ossadas em desconexão anatómica e tantos outros sinais de visitação e provável exumação de ossadas parecem provar, mais uma vez, que também nesta zona do Alentejo, tal como já se tem vindo a provar para outros locais, as sepulturas megalíticas não se destinavam unicamente à deposição final dos restos humanos, constituindo-se sim como espaços de revisitação e constante reorganização, onde o mundo dos vivos se encontrava com o dos mortos, num constante e continuado diálogo.

Pretendeu-se, nesta breve apresentação, evidenciar dois aspectos de reutilização/reaproveitamento de materiais nos espaços funerários. Se no primeiro caso (mós fracturadas), parece agora evidente que a sua deposição nas antas, sobretudo no momento da sua fundação, parece ter algum significado simbólico, o segundo caso, reaproveitamento / reutilização de placas, demonstra, por um lado, a importância atribuída ao simbolismo da placa ou báculo original ou a dificuldade, pouco provável, de obtenção de matéria-prima para o fabrico de novas placas.

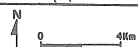
Resta-nos também, e ainda, outra explicação para a presença de mós fracturadas, essencialmente em níveis contemporâneos da fundação das antas. A sua presença poderá estar relacionada com a existência de habitats mais antigos sobre os quais se vieram a erguer os espaços funerários, como vários vestígios, já detectados em diferentes locais, parecem indicar. Contudo, esta hipótese não explica a frequência de fracturas intencionais das peças. Parece-nos, pois, que mais uma vez estamos em presença de outra ritualização a somar ao ambiente pleno de simbolismo que rodeia e justifica as multifuncionais antas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEJÁRANO, F. (1993), *Guia del Conjunto Megalítico de Valencia de Alcántara*, Ilustrísimo Ayuntamiento de Valencia de Alcántara, Valencia de Alcántara.
- DIAS, Ana C.; Oliveira, Jorge (1980), *Monumentos Megalíticos do Concelho de Marvão*, Edição da Câmara Municipal de Marvão, Portalegre.
- DIÉGUEZ, Elias L. (1976), Los dolmenes de Valencia de Alcantara, *V Congreso de Estudios Extremeños*, Badajoz.
- Leisner, Georg e Vera (1956), *Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel*. Der Westen (1), Berlin, Waltherr de Gruyter.
- OLIVEIRA, Jorge (1988), *Introdução ao Estudo das Sepulturas Megalíticas da Margem Esquerda do Rio Sever*, Universidade de Évora, Évora.
- OLIVEIRA, Jorge (1991), A Anta da Nave do Padre Santo - Nisa, *Actas das IV Jornadas Arqueológicas*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.
- OLIVEIRA, Jorge (1992), *A Anta dos Pombais — Beirã-Marvão — notas de escavação*, *Ibn Maruán II*, C.M. de Marvão.
- PAÇO, M. Afonso do (1953), Carta Arqueológica do Concelho de Marvão, *Actas do XIII Congresso da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências*, Lisboa, 1950.
- RAMÍREZ, Primitiva Bueno (1988), *Los Dolmenes de Valencia de Alcantara*, Excavaciones Arqueológicas en España, Ministerio de Cultura, Madrid.
- RODRIGUES, Maria da Conceição (1975), *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*, Assembleia Distrital de Portalegre, Lisboa.

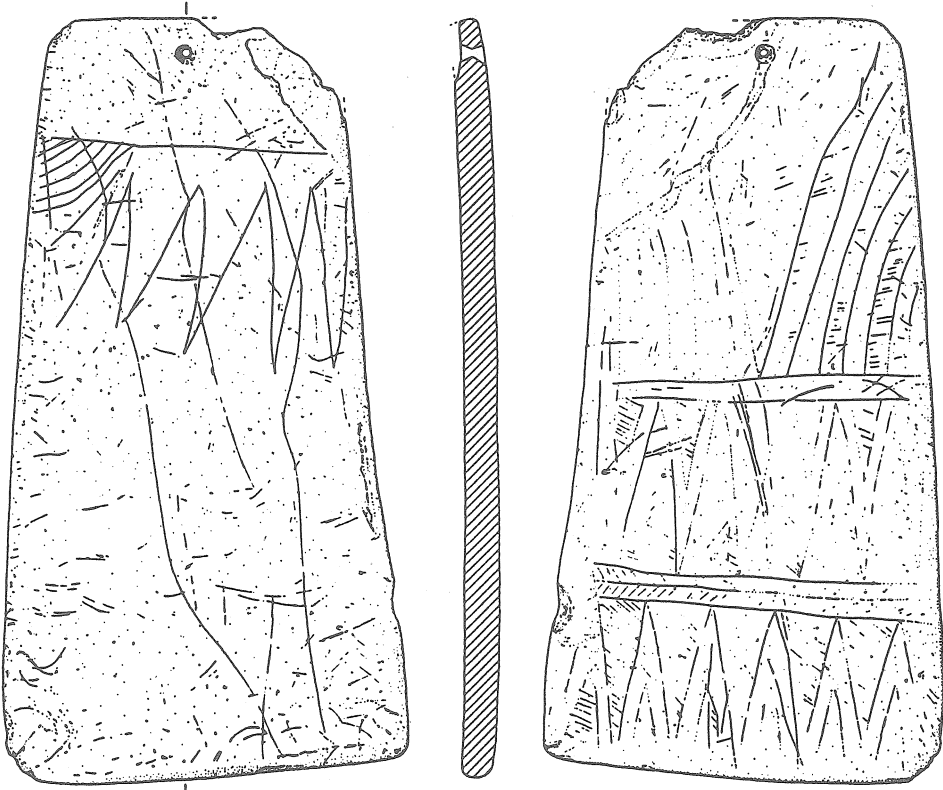


**CARTA HIPOMÉTRICA (ABREVIADA)  
DA BACIA DO SEVER**



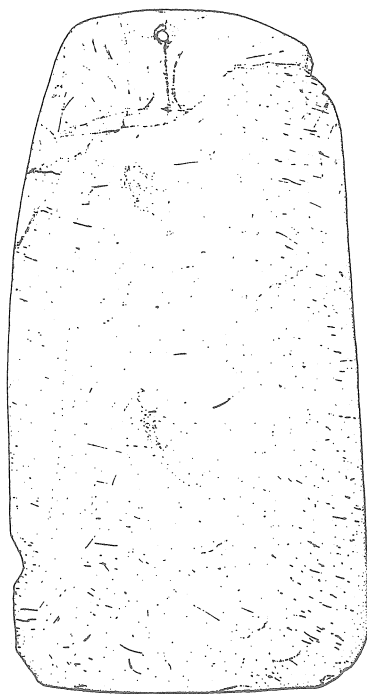
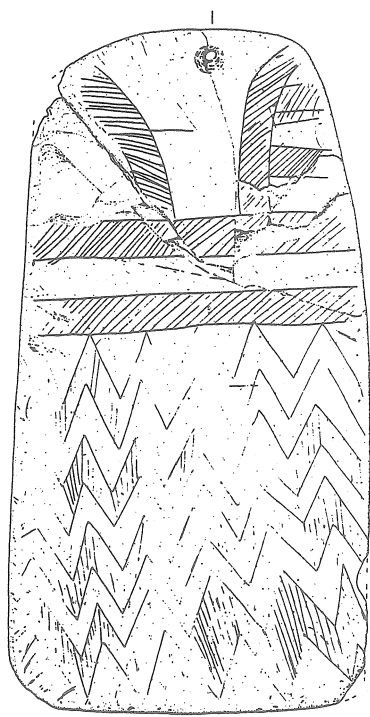
● SEPULTURA MEGALÍTICA  
◊ MENIR  
○ HABITAT



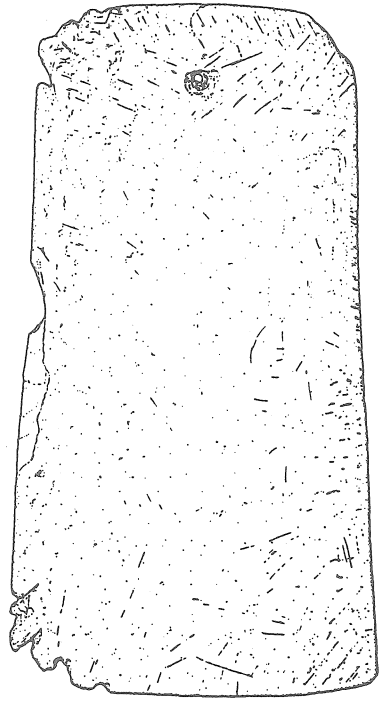
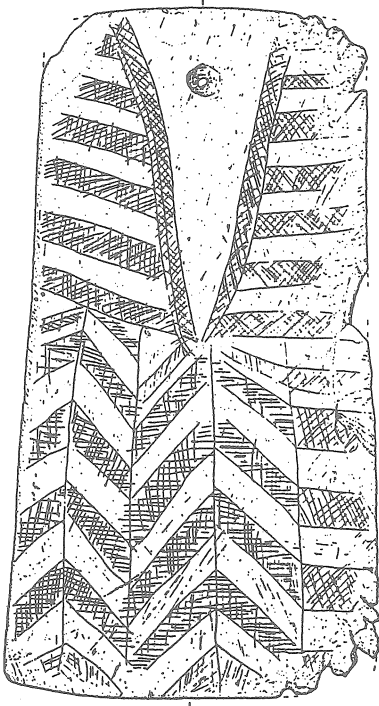


0 5 cm

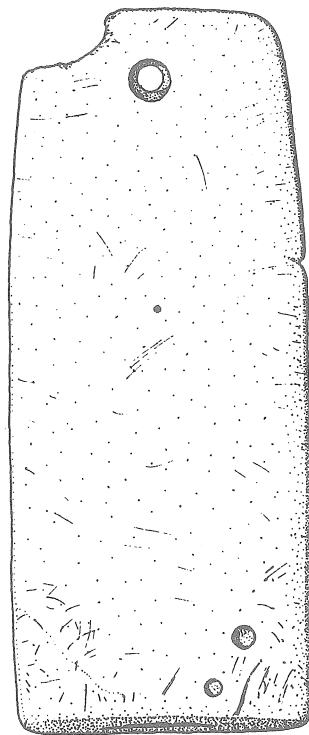
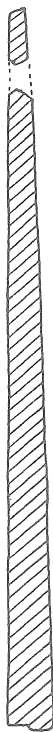
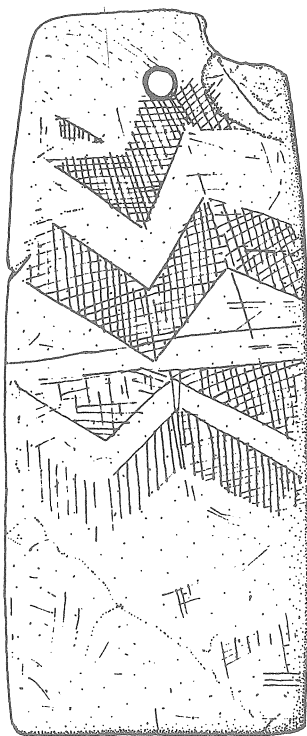
CI 1



CI 3

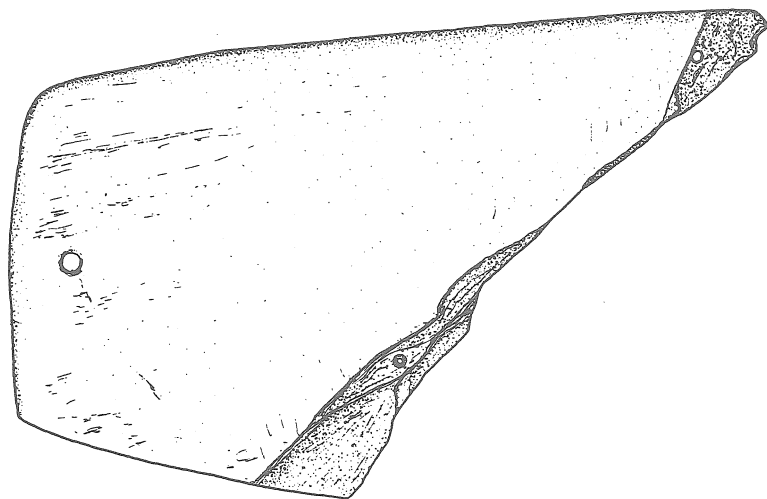


CI 4

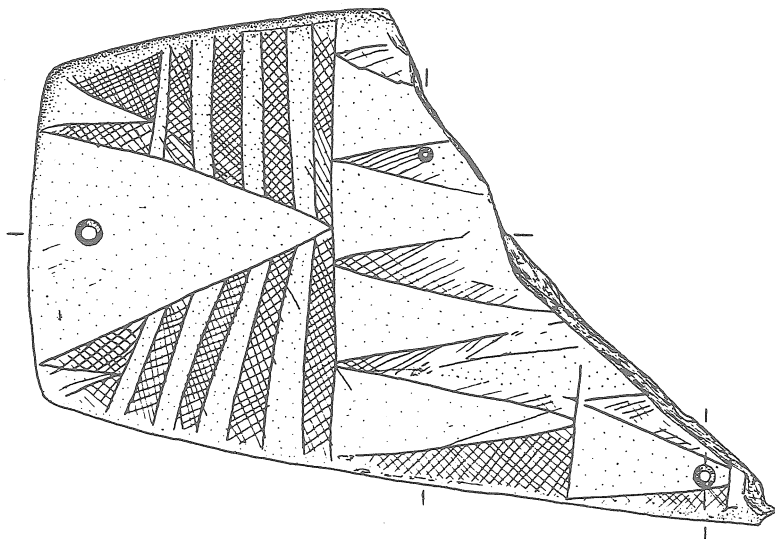


TR 24





TR 52





**Foto 1** — Anta da Figueira Branca (Marvão). Moinho manual fracturado (interior de alvéolo de esteio).



**Foto 2** — Anta I dos Coureleiros (Castelo de Vide). Moinho manual fracturado utilizado como calço de esteio do corredor.